

Pedro Mendengo Filho



**Reis: – uma encenação da troca social
simbólica no catolicismo popular**

Rio, Agosto de 2009

Reis: – uma encenação da troca social simbólica no catolicismo popular

Quando adentramos o mundo do catolicismo popular, logo nos deparamos com um universo mágico de casos, contos, lendas de encantamentos e revelações. Situações vividas pelos seus integrantes sejam no contexto religioso propriamente dito, ou seja, nas festas folclóricas que circundam os mesmos. O campo religioso do catolicismo está repleto de práticas que visam possibilitar situações mágicas que têm funções específicas na vida dos fiéis, sempre determinados pelo tempo sagrado¹. A tradição dos *Três Reis Magos* remonta ao nascimento de Jesus. As referências a este episódio nos Evangelhos são muito vagas. O certo é que não se sabe quantos foram estes personagens, que visitaram o Messias quando ele nasceu. Encontramos eventos que constam na Bíblia Sagrada² descrito por Mateus:

Depois que Jesus nasceu na cidade de Belém da Judéia, na época do rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, perguntando: “Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo”. Ao saber disso, o rei Herodes ficou alarmado, assim como toda a cidade de Jerusalém. Ele reuniu todos os sumos sacerdotes e os escribas do povo, para perguntar-lhes onde o Cristo deveria nascer. Responderam: “Em Belém da Judéia, pois assim escreveu o profeta”³.

Então Herodes chamou, em segredo, os magos e procurou saber deles a data exata em que a estrela tinha aparecido. Depois, enviou-os a Belém, dizendo: Ide e procurai obter informações exatas sobre o menino. E, quando o encontrardes, avisai-me, para que também eu vá adorá-lo. Depois que ouviram o rei, partiram. E a estrela que tinham visto no Oriente ia à frente deles, até parar sobre o lugar onde estava o menino, ao observarem a estrela, os magos sentiram uma grande alegria. Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Ajoelharam-se diante dele e o adoraram. Depois abriram seus cofres e lhe ofereceram presentes: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonho para não voltarem a Herodes, retornaram para a sua terra, passando por outro caminho.

A especulação a respeito desses ilustres visitantes, diz que talvez fossem astrólogos ou astrônomos. Existem pesquisadores que acreditam serem eles sacerdotes seguidores de Zaratustra, da Pérsia, ou seus conselheiros. Mesmo assim não se sabe com certeza, se eles eram mesmo reis. Eles supõem que eram três pelo número de presentes oferecidos ao Mestre. Quanto aos seus nomes os documentos sagrados revelam que seriam: *Melquior*, rei da Pérsia; *Gaspar*, rei da Índia, e *Baltazar*, rei da Arábia. Os Magos receberam o título de Santos Reis, porque foram considerados bem-aventurados. Eles ganharam esta denominação à cerca de oitocentos anos após o nascimento do Messias.

Devemos aos Magos a tradição de trocar presentes no Natal, ou melhor dizendo, no Ciclo Natalino (Natal, Ano Novo e Reis). A melhor descrição dos Reis Magos foi feita por São Beda, o Venerável (673-735), que no seu tratado “*Excerpta et Colletanea*” assim relata: “Melquior era velho de setenta anos, de

¹ PEREIRA, José Carlos. *O Encantamento da Sexta-Feira Santa: manifestações do catolicismo no folclore brasileiro*. – São Paulo: Annablume, 2005.

² BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB, com introdução e Notas. 5ª edição; edições CNBB. Editora Canção Nova, 2007.

³ “E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és a menor entre as principais cidades de Judá, porque de ti sairá um príncipe que será o pastor do meu povo, Israel”.

cabelos e barbas brancas, tendo partido de Ur, terra dos Caldeus, fantasiado de reis magos. Gaspar era moço, de vinte anos, robusto e partira de uma distante região montanhosa, perto do Mar Cáspio. E Baltazar era mouro, de barba cerrada e com quarenta anos, partira do Golfo Pérsico, na Arábia Feliz”.

Quanto a interpretação simbólica de seus nomes, Gaspar significa “Aquele que vai inspecionar”, Melquior quer dizer: “Meu Rei é Luz”, e Baltazar se traduz por “Deus manifesta o Rei”. Como se pretendia dizer que representavam os reis de todo o mundo, representando as três raças humanas existentes, em idades diferentes. Assim, Melquior entregou-lhe ouro⁴ em reconhecimento da realeza, sol; Gaspar, incenso em reconhecimento da divindade, o espiritual; e Baltazar, mirra em reconhecimento da humanidade, o material.

Eles também representavam a humildade dos poderosos que se curvavam diante da Realeza Maior de Jesus, cumprindo as profecias que prediziam a humilhação dos grandes dominadores terrenos e a glorificação dos humildes. É nesse sentido simbólico, que a Igreja preserva o culto aos Reis Magos, que receberam esse título apenas no século III, cumprindo assim a profecia de que os reis se prostrariam diante de Deus Menino. Para o catolicismo, eles representam a obediência aos desígnios divinos, o desprendimento dos patrimônios materiais, o compartilhamento destes bens com os necessitados.

Não há provas históricas da existência desses Reis. Talvez eles sejam apenas um símbolo, uma metáfora da legitimação de Jesus por todos os povos da Terra, a partir dos princípios de sua doutrina. O que importa, porém, é que a tradição permanece viva, inclusive através da popular Folia de Reis – festa de origem portuguesa que relembra anualmente a visita dos Reis Magos a Jesus. Em alguns países essa comemoração tornou-se mais importante que o próprio Natal, pelo fato de significar a renovação da vida.

Historicamente, sabe-se que foi durante a Idade Média que começou a devoção aos Reis Magos, tendo as suas supostas relíquias sido trasladadas no século VI, desde Constantinopla (Istambul) até Milão. Em 1164, com os três já a serem venerados como santos, estas foram colocadas na Catedral de Colônia, em Colônia (Alemanha), onde ainda se encontram. Entretanto, na tradição cristã, os três Reis Magos simbolizavam os poderosos que deveriam curvar-se diante dos humildes na repetição real do canto da Virgem Maria à sua prima Isabel, pois sua alma rejubilava-se no Senhor, que exaltaria os pequenos de Israel e humilharia os poderosos.

Referências históricas que tratam do tema Ciclo Natalino, destacam que os Reis foram festas populares na Europa (Portugal, Espanha, França, Bélgica, Alemanha, Itália, etc.) dedicadas aos três Reis Magos em sua visita ao Deus Menino. É pela herança do catolicismo europeu, que esta tradição ainda se mantém viva em diferentes vestígios. Na Península Ibérica, os reis continuam também, vivos e comemorados, sendo a época de dar e receber presentes. “Os reis”, de forma espontânea ou por meio de grupos, com indumentária própria ou não, visitam os amigos ou pessoas conhecidas, na tarde ou noite de cinco de janeiro (véspera de reis) cantando versos alusivos à data e solicitando alimentos ou dinheiro.

⁴ Na antiguidade, o ouro era um presente para um rei, o olíbano (incenso) para um sacerdote, representando a espiritualidade e a mirra, para um profeta (a mirra era usada para embalsamar corpos e, simbolicamente, representava a imortalidade).

No Brasil, os colonizadores portugueses, principalmente os missionários da Companhia de Jesus, mantiveram a tradição, a qual de toda ainda não desapareceu, sendo mantida viva nalgumas regiões⁵, principalmente nas cidades que foram sede de Missão Jesuíta. Naquele momento de extremo catolicismo desses homens, abriram-se caminhos para o surgimento do teatro brasileiro, logo assim que Portugal começou a fazer do Brasil, sua colônia no século XVI. Os Jesuítas, com o intuito de catequizar índios, trouxeram não só a nova religião, mas também uma cosmovisão diferente da realidade nativa, em que se incluía a literatura e o teatro religioso. Aliada aos rituais festivos e danças indígenas, surgiu à primeira forma de teatro que os brasileiros conheceram, o qual tinha um caráter pedagógico baseado na Bíblia Sagrada. Nessa época, o maior responsável pelas autorias das peças e pelo ensinamento das representações no teatro foi o Padre José de Anchieta.

Nos primeiros anos da colonização, os padres Jesuítas, que vieram para o Brasil, tinham como principal objetivo a catequese; converter os índios em cristãos. Eles encontraram nas tribos brasileiras uma inclinação natural para a música, a dança e a oratória, ou seja, tendências essenciais para o desenvolvimento do teatro, que passou a ser usado como instrumento de "civilização" e de educação religiosa, além de diversão. O teatro foi responsável pelo "fascínio" da imagem representativa, era muito mais eficaz do que um sermão. As primeiras peças foram, então, escritas pelos Jesuítas, que utilizavam de elementos da cultura indígena (a começar pelo caráter de "sagrado" que o índio já tinha absorvido em sua cultura, por exemplo, o culto as forças da natureza), até porque era preciso *tocar* (sensibilizar) o índio, falando de coisas que ele conhecia. Misturados a esses elementos, estavam os dogmas da Igreja Católica, para que o objetivo da Companhia - a catequese - não se perdesse.

As peças eram escritas em tupi, português ou espanhol (isso se deu até 1584, quando então foi substituído pelo latim). Nelas, os personagens eram santos, demônios, imperadores e, por vezes, representavam apenas os aspectos simbólicos, como o Amor ou o Temor a Deus. Com a catequese, o teatro acabou se tornando matéria obrigatória para os estudantes da área de Ciências Humanas, nos colégios da Companhia de Jesus. No entanto, os personagens femininos eram proibidos (com exceção das Santas), o que provavelmente está associado ao pecado original, atribuídos as mulheres. [para se evitar certa "empolgação" nos jovens].

Os atores, nessa época, eram os "índios domesticados", possivelmente os futuros padres, os brancos e os mamelucos. Todos amadores, que atuavam de improviso nas peças apresentadas nas Igrejas, nas praças e nos colégios. No que diz respeito aos autores, o nome de mais respeito na época é o de Padre Anchieta. De sua autoria ainda nos resta o Auto de Pregação Universal, escrito entre 1567 e 1570, que fora encenado em diversos locais do Brasil, por vários anos. De todos os autos sacramentais, que continham caráter dramático, eram preferidos às comédias e tragédias, já os reis e os pastores⁶ a purificação, porque eram neles que estavam impregnadas as características da Catequese. Elas tinham sempre um fundo religioso, moral e didático, e eram re-

⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. – 6ª edição. – Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p. 668-669.

⁶ **Pastor ou Pastoril**. Cantos, louvações, entoadas diante do presépio na noite de Natal, antes da missa da meia-noite. Representam a visita dos pastores ao estábulo de Belém. (Veja e confira CASCUDO, 1988:588).

pletos de personagens alegóricos. Além desses autos, outros "estilos teatrais" e de cenários religioso, foram introduzidos pelos Jesuítas, como o presépio de figuras humanas, que logo passou a ser incorporado nas festas folclóricas.

No século XVII, as representações de peças escritas pelos Jesuítas, pelo menos aquelas com a clara finalidade de catequese, começaram a ficarem mais escassas. Nesse período, em que a obra missionária estava quase consolidada, ela cai de qualidade e produção, sendo chamado o período de Declínio do Teatro dos Jesuítas. No entanto, o Pastor, o Reis e outros tipos de atividades teatrais bíblicas ficaram confusos, com exceção de algumas representações que se mantiveram fieis aos princípios jesuíticos noutras províncias da Colônia⁷. Noutros as encenações existiam usando outros elementos representativos, por conta desse século ter-se constituindo num tempo de crise na arte teatral, fosse elas sagradas ou inspiradas pelas lutas da época. Mas, mesmo assim, estas realizações dependiam muito das ocasiões, para que as representações configurassem como festas religiosas ou cívicas.

No dizer do estudioso Armando Gimenez:⁸ “Hoje, os Santos Reis já não são tão lembrados. O presépio praticamente não existe e só nele é que podemos ver os Magos do Oriente apresentados. A árvore de Natal, pinheiro que os druidas e os feudos enfeitavam para agradar o terrível deus do inverno Hell, substituiria a representação do nascimento de Jesus, introduzida no costume dos povos cristãos por São Francisco de Assis. A festa da Epifania⁹, dia de guarda no calendário litúrgico, já não mais é respeitada e com ela desaparecerem outras tradições da nossa gente, trazidas da Península Ibérica pelos nossos antepassados, como os Pastores, as Folias de Reis, Reisados, lapinhas e tantos outros autos do ciclo natalino, cultuados em poucas regiões do país”.

CICLO NATALINO NO MARANHÃO

No geral, as manifestações natalinas que temos no Maranhão procuram reviver passagens bíblicas do nascimento de Cristo, como a visita dos Reis Magos e dos Pastores à Belém para adorar o Menino Jesus. Nesse sentido, temos várias manifestações natalinas difundidas em quase todo o Estado baseadas nesses dois temas: Pastor ou Pastoral e Reis ou Reisados. Estas lou-vações ao aportar no Brasil com os colonizadores, transformaram-se em costumes com fortes traços de catolicismo popular, reunindo três formas de expressões artísticas: a música, a dança e o teatro popular, difundidos em todo o estado com variações nas formas e nos personagens.

O Reis é uma festa realizada na véspera e no Dia de Reis, ou seja, dias cinco e seis de janeiro, retratando a visita dos três Reis Magos ao Menino Jesus, em forma de louvações. Em São Luís é conhecido como *Reis*, podendo ser chamado de “Reisado¹⁰ ou Folia de Reis” em outros lugares. Trata-se de um

⁷ O *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, II, 45, Rio de Janeiro, 1939, registra um desses grupos pedindo os Reis da Bahia na segunda década do século XVIII. Melo Moraes Filho descreve uma “Véspera de Reis” na Bahia (*Festas e Tradições Populares do Brasil*, ed. Briguiet, Rio de Janeiro, 1946).

⁸ GIMENEZ, Armando. *Reis Magos, santos esquecidos dentro das tradições do Natal*. Diário de São Paulo, São Paulo, 5 de janeiro 1958.

⁹ A **Epifania** representa a assunção humana de Jesus Cristo, quando o filho do Criador dá-se a conhecer ao Mundo. É uma festa religiosa cristã que celebrava-se no dia 6 de janeiro.

¹⁰ **Reisado** é uma dança popular profano-religiosa, de origem portuguesa, com que se festeja a véspera e o Dia de Reis.

cortejo composto por dois cordões, tendo como personagens principais o rei e a rainha. Alguns grupos possuem dois reis e duas rainhas e acrescentam outros personagens compostos por anjos, lua e estrelas. O grupo sai para visitar as casas das localidades à qual pertence, acompanhado de uma pequena orquestra.

Esta manifestação popular de fundo religioso está presente em vários estados brasileiros, como Minas Gerais, Bahia, Ceará e Piauí. No Maranhão, os festejos de Reis mais conhecidos são os de Maracanã, localidade da zona rural de São Luís, e da região do Itapecuru, abrangendo as cidades de Caxias, Matões e Barra da Ininga, onde é mais conhecido como Reisado Careta. No interior da Ilha de São Luís, o grupo percorre o Maracanã, Vila Sarney e Vila Nova República, recolhendo esmolas. Os donativos são: aves, frutas, bebidas e cereais. Após o percurso de casa em casa, o grupo volta à sede, onde dança em frente ao presépio.

Na capital do Maranhão, os principais grupos de reis em franca atividade são: Reis das Nuvens; Reis Sempre Vivo e Reis de Alecrim. Nesta variedade de grupos representativos, vale ressaltar que na véspera do dia de Santos Reis, dia cinco, a rainha e o rei saem vestidos com roupas brancas e no dia seis, vestem roupas de cor verde, na festa do Reis Rico. No dia seguinte, sete de janeiro, no Maracanã a comunidade se anima com a festa do Reis Pobre, que, com uma coroa de palha na cabeça, sai pelas ruas do Maracanã pedindo donativos pelas casas, encerrando os festejos dos Santos Reis com uma grande festa. Ainda nesse dia, se dá a cerimônia de coroação do Reis Pobre em frente ao presépio, com uma coroa de lata. Mais tarde, há coroação do Reis do Alecrim, com reza, ladainhas e as visitas aos presépios. Reis e rainha retornam para o repasse da coroa para os novos reis e rainhas. Ao rei da frente é entregue uma vela e a coroa; à sua rainha são entregues, também, uma coroa e a imagem do menino Jesus. Ao rei e à rainha de trás são entregues duas velas: uma a cada um. Encerrando a festa, a orquestra toca para a dança dos reis e rainhas, brincantes e assistentes, há a “queimação de palhinhas”, onde é cantado o tradicional:

*queimamos, queimamos
as nossas palhinhas,
com cravos e rosas
queimemos lapinhas...*

O dia se encerra com uma festa dançante. No lugar das antigas orquestras, antes contratadas para atrair o público, hoje só existem radiolas de *reggae*. Pela tradição maranhense, as Festas Natalinas, que tem a denominação de Reis, são acrescidas da Queima de Palhinhas (desmonte do presépio) realizada a partir do dia 6 (dia do Santo Reis), até o dia 31 de janeiro. A Queimação de Palhinhas é o símbolo do encerramento do ciclo natalino. Uma tradição da cultura maranhense.

CICLO NATALINO EM VIANA

Em Viana, os Reis foram e continuam sendo, um dos capítulos mais dogmático e multifacetado do estudo do Ciclo Natalino, na história social das festas do catolicismo popular do Maranhão, que o tempo não apagou. Entretanto, esta fé que emana no seio da população urbana/rural como instrumento de cultura, por se tratar de uma tradição que atravessa todo o tecido social comunitário, indo se estabelecer no inconsciente coletivo e se confirmar na

transmissão de seu ritual de geração a geração, como afirmação de uma ação herdada. Esta festa, e tantas outras transplantadas para o Maranhão, no período colonial, permanecem fiéis aos seus rituais. No dizer do historiador João José dos Reis (1999): “*é um exemplo perfeito de carnavalização da religião pelas camadas populares, que assim agindo salvaram a devoção católica do tédio*”.

Pois, assim sendo, podemos afirmar que a herança religiosa colonial do Maranhão, instituiu-se a partir da ação civilizadora dos padres da Companhia de Jesus, sobre a maestria do padre Antônio Vieira. Missionário de fibra e multidivência, sabiamente escolheu as terras dos campos baixos do Pindaré, para sede da Missão N^a S^a da Conceição Imaculada do Maracu, administradora da Aldeia Maracu (atual Viana), do Engenho São Bonifácio e fazendas, de onde colhia seus frutos para sustentar o Colégio N^a S^a da Luz. Logo esta relação *Deus-Igreja-Homem*, que organizava a mentalidade medieval no Velho Mundo e trazida para o Brasil pelos Jesuítas, cedia lugar a relação *Homem-Natureza*, em que o índio tornara-se objeto de proteção e catequização em nome da fé católica. Este processo se consolidou e atravessou o tempo como civilização. Hoje, essa herança cultural, chama nossa atenção, sobre a continuidade de uma prática religiosa secular de educação/catequização, controle e manutenção dos privilégios e hierarquias, que só os Jesuítas, com a sua sapiência foram capazes de estabelecerem, como parâmetros sócio-político-administrativo de uma aldeia. De 1683-1757, foram 75 anos de dominação dos Jesuítas no Maracu, hoje, Baixada Maranhense. Por isso somos religiosos por colonização.

Para entendermos por que a cultura do Maracu é carregada de religiosidade, precisamos fazer uma leitura atenciosa, na história das Missões Jesuítas do Estado do Maranhão e Grão-Pará (1721-1753). Nessa historiografia veremos que, o processo de colonização *Igreja-Metrópole-Colônia*, sobre a bandeira dos inacianos, desconstruiu a valentia e a coragem dos índios, para na catequização instalar o pecado e a obediência, (elementos geradores do medo e da subordinação). Foi um processo muito habilidoso desses homens e para obterem resultados positivos, fizeram usos de autos natalinos e outras figuras simbólicas como os “*farricocos*”, evocações de santos, de quadros bíblicos, mostrando as forças do bem sobre o mal (céu *versus* inferno), a ponto de fundisse mais tarde, com os rituais das raízes dos negros tralhas¹¹ (escravos). Esta dicotomia religiosa, em pouco tempo, se *ajuíza* na Casa Grande, *condena* na Senzala e *pune* nas fazendas de engenho. Assim foi nascendo aquilo que muitos chamam de “cultura popular”, isto é, uma fusão de traços culturais transplantados e distintos, mas mantendo em comum a religiosidade, e ao mesmo tempo resistência à cultura imposta pela Igreja. É dessa cultura mesclada de origem européia, ameríndia e africana, que chamamos de *catolicismo popular*.

O que nos entristece até a aurora deste século é a ausência de documentação, sobre as práticas comportamentais/religiosas dos Jesuítas, no Maranhão colonial. Mesmo assim não hesitamos em afirmar que esses homens possuíam formas subliminares nas suas atuações. Revela a antropóloga Fátima Quintas¹², em sua obra de referência, esta razão. “*Ninguém passa pela*

¹¹ TRALHAS. Objetos de uso pessoais, aquilo que se pode fazer o que quiser. Como eram chamados os escravos negros comprados em Portugal e trazidos para o Brasil pelo colonizador português, que ficava isento de pagar tributo a Coroa, pelo uso do trabalho de escravos nas Colônias.

¹² QUINTAS, Fátima. *Sexo à moda patriarcal: o feminino e o masculino na obra de Gilberto Freire*. – São Paulo: Globo, 2008.

história sem deixar marcas. Absolutamente ninguém. Todos somos artífices de um palco, seja ele faustoso ou enturvado pela manhã ensolarada ou pela noite sem cor". Entre a manhã e a noite de 1956, os padres Jesuítas, já estavam vivenciando a sua expulsão. Pois, daquele momento em diante, não tiveram mais forças para impedir que o autoritarismo dos súditos de Pombal, deixasse de transformar em cinzas toda a sua escrituração. Mesmo assim, as encenações continuaram, pois a fé interior do nosso povo é tão arraigada, que as gerações comprometidas com os rituais de transmissão desses valores, não deixam que o tempo se encarregue de apagar do coletivo, a tarefa que a cultura ao longo dos anos, incorporou como parte sua. O que se sabe sobre os últimos dias dos Jesuítas no Maranhão, foi colidido por César Marques¹³, que afirma esse fim.

Durante a noite, no pátio interno ou claustro do Colégio de Nossa Senhora da Luz, viu-se uma fogueira, constantemente alimentada pelos papéis, alguns bem preciosos, do importante arquivo dos Jesuítas, que eles espontaneamente entregaram às chamas, como informou à guarda que esteve bloqueando o Colégio, 'levando o vento por cima dos telhados algumas folhas afogueadas'.

Antônio Lopes em **Alcântara**¹⁴ diz: "*Se é verdade que os Jesuítas destruíram muitos papéis da sua prestante Companhia, quando daqui tiveram de sair compelidos pela política violenta de Pombal, ainda deixaram grande parte dos seus documentos, assim como a preciosa livraria do Colégio de Nossa Senhora da Luz, fundada pelo padre Antônio Vieira com livros que escolhera em Portugal, França e Holanda. Tudo isso viria a desaparecer com o correr dos tempos, tendo sido incinerados os últimos volumes da biblioteca por ordem do presidente da província Araújo Viana, depois Marquês de Sapucaí*".

De todas as encenações deixadas pelos Jesuítas o Reis ainda se mantém fiel as raízes do catolicismo popular, ou pelo menos o que fora transmitido pelos padres Jesuítas, para os seus índios protegidos. Em Viana, atualmente, sua formação é composta de 60 integrantes, maioria jovens adolescentes e crianças, com exceção dos músicos e das organizadoras, supervisoras, ou melhor, conceituando: as responsáveis pela transmissão do ritual:

Uma (1) guia; vinte quatro (24) meninas, sendo doze (12) de cada lado; duas (2) boninas; uma (1) estrela guia; dois (2) anjos que cantam (meninas); doze (12) imagens de anjos que enfeitam o presépio; uma (1) imagem de São José; uma (1) imagem de Nossa Senhora; uma (1) imagem de Menino Jesus; três (3) imagens de reis magos; três (3) vassallos (meninos); duas (2) organizadoras e sete (7) músicos.

Esse número de sete músicos perdura desde os tempos dos Jesuítas e jamais foram alterados. Eles formavam seus próprios músicos (índios catecúmenos¹⁵), os quais leram e executaram as primeiras peças de músicas sacras, as primeiras partituras escritas por esses homens letrados, em Viana, cujo destino supõe-se ter sido queimadas também, quando da sua expulsão do Maranhão. As peças executadas nas apresentações dos teatros sacros exigiam um acompanhamento de um coral de vozes. Acredita-se que por volta de 1830,

¹³ MARQUES, César Augusto. *Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão*/nota e apuração textual de Jomar Moraes. – 3ª. Ed. – São Luís: Edições AML, 2008.

¹⁴ LOPES, Antônio. "Alcântara", *subsídios para a história da cidade*. Publicação do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ministério da Educação e Cultura – 1957 – Rio de Janeiro.

¹⁵ CATECÚMENO: Aquele que se prepara e instrui para receber o batismo.

já existisse um grupo expressivo de músicos executando peças sacras na Igreja e tocando outros tipos de músicas em bailes nos salões das casas dos Senhores mais abastardos da cidade, como fora citado em uma crônica publicada no jornal “*Actualidade*” – Órgão do Interesse da Lavoura e Comércio de Viana - 1884¹⁶, lembrando uma passeata alegre pelas ruas da cidade, logo após a Missa do Galo¹⁷ (um Baile Pastoril¹⁸), para receberem o Ano Novo de 1885.

Atualmente, não podemos afirmar, mais percebemos através da história oral, que existiu uma interrupção longa, nas representações natalinas de Pastor e Reis, na cidade. Tudo indica que foram retomadas já no finalzinho do século XIX e início do XX, quando foi observado e registrado pelo médico vianense Sálvio Mendonça¹⁹, em sua obra-prima, esta passagem:

Nhá-Brígida, mãe de Anica Ramos, por promessa, ou talvez por vaidade, todos os anos festejava o Natal com os pastores, que ficaram conhecidos com a denominação de “Pastores de Nhá-Brígida”. Desde o mês de setembro, começavam aos sábados e domingos os ensaios, que já constituíam verdadeiras festas para onde convergiam as melhores famílias da cidade.

Depois de muitos anos de empolgações pela retomada do teatro popular, houve mais outros longos anos de abstinência das representações natalinas, conforme atesta o farmacêutico Ozimo de Carvalho²⁰, uma apatia oval do povo, em relação à manutenção das nossas tradições culturais, tanto religiosas como profanas, a ponto de profetizar o fim dessas heranças e outras de mais de três séculos de existência em Viana. O escritor vianense em seu posto de observação no Canto Grande, cruzamento da Rua Antônio Lopes com Conego Hemetério, debruçado no balcão da *Pharmácia Brazil*, sintomaticamente descreveu:

Em franca decadência, condenadas ao próximo e irremediável desaparecimento, estão muita das antigas e tradicionais festas, folganças e encenações populares. Extintos estão o Fandango lascivo e a Chegança heróica, cujas letras e música se perderam e as novas gerações ignoram. Os cordões infantis dos Pastores muito freqüentes outrora do Natal a Reis, já se não organizam há anos, assim como os dos Reis, que percorriam as ruas, visitando as casas de família nas noites de cinco e seis de janeiro. E por isso, completamente despercebido passa para nós esse período do ano.

¹⁶ O autor da crônica assinava com pelo pseudônimo de “O CUÍM”. (Periódico do mês 08/1885, na Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

¹⁷ O galo é conhecido como emblema da altivez, o que é justificado pela postura do animal e como emblema da França. O galo é, universalmente, um símbolo solar, porque seu canto anuncia o nascimento do Sol. E por anunciar o Sol ele tem poderes contra as influências malélicas da noite. (CHEVALIER, Jean e BARBAULT, André. *Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*, com a colaboração de:... [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa Silva... [et al.]. 23ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.)

¹⁸ Os *bailes pastoris* se realizam depois da missa do Galo; compreendem as pastoras, o terno e o rancho. São grupos caracteristicamente vestidos que desfilam pelas ruas e visitam casas, onde cantam e dançam em homenagem ao nascimento do Menino Jesus, durante as Festas Jesuínas. É um costume de origem afro-portuguêsa. Estas comemorações propagaram-se por todo o Brasil, especialmente no Nordeste.

¹⁹ MENDONÇA, Sálvio. *História de um menino pobre*. Rio de Janeiro, Empresa Gráfica “O Cruzeiro” S/A. 1963.

²⁰ CARVALHO, Ozimo de. *Retrato de um Município*. s/l, s/e. e/d.

Quiçá! Não foi dessa vez que a profecia de Ozimo de Carvalho se concretizou. No final do segundo quarto do século XX, a filha de *Nhá-Brígida*, Anica Ramos, retoma o papel que eternizou sua mãe. Em sua casa situada no cruzamento da Rua Antônio Lopes com Amélia Carvalho, no famoso Canto do Galo, essa mulher de fibra construiu um *Teatro* e um *Ateliê*, onde foram encenadas várias peças teatrais e também as peças bíblicas que eram de sua predileção: Pastor, Reis e Paixão de Cristo. Seu ateliê produzia desde cenários de grande tamanho, vestimentas para encenações teatrais e também, prestava atendimento à sociedade local, com serviços de Alta Costura. Esse teatro foi de importância tamanha na cultura vianense, não só pelo tamanho e conforto, mais pela utilização desse espaço como lazer da população vianense, pela iniciativa do Promotor Público Dr. José Pereira Gomes, para exibições dos filmes do Cine Glória, por ele instalado e administrado, nos idos de 1950 e 1960.

Resumindo, cumpre destacar que o Reis sempre foi encenado em Viana, a princípio quando instituído pelos Jesuítas, tinha como cenário a natureza. Depois passou a ser encenado na Nave-Mãe da Igreja de N^a. S^a. da Conceição. Mais tarde passou para o palco do Teatro. Nos últimos tempos vem se apresentando de casa em casa, a convite de famílias que ainda mantêm a tradição de armarem presépios, onde são feitas as louvações durante o ciclo natalino. Atualmente na região, o Poder Público local tem oferecido espaços ornamentados, para encenações ao ar livre desses grupos de resistência, que levam a sério a manutenção das tradições natalinas. O verdadeiro meio de transmissão do ritual que outrora foi através de cópias dos originais, agora, passa a ser via oral, uma técnica que as famílias mais simples, souberam transmitir muito bem, a familiares como, por exemplo, a do Senhor João Carteiro, Dona Evangelina e Romana Soeiro, Dona Remédio e Maria José Mendengo e tantos outros, as quais, durante bom tempo realizaram estas e outras encenações de cunho religioso como: Pastor, Baile de São Gonçalo, Bumba-meu-boi, Mesa de São Lázaro e as famosas Novenas. Acredito que foi do aprendizado destes valores, com estas famílias, que surgido à inspiração em Maria Prego e Maria das Neves, em criarem o “*Reis Estrela de Viana*”, para continuarem como o dever de transmitirem esses conhecimentos, e não deixarem que esse legado desapareça, apesar das diversas dificuldades para a encenação dos autos de Reis.

Em Viana, o Reis é organizado por devoção ou pagamento de promessa. As promessas são com relação a condições financeiras, saúde e tantos outros problemas do cotidiano, que o devoto de Reis, busca alcançar a graça se comprometendo a participar do Reis por um período de sete anos. Com a modernidade da cultura essa encenação passou a ser patrocinada por órgãos governamentais ou particulares, os quais incentivam a produção cultural. A queimação de palhinhas – em homenagem ao Menino Jesus, retratando os reis magos em visita ao recém-nascido na manjedoura – é feita a partir de ladinhas cantadas em latim e acompanhadas por músicos, diante do presépio, com rezas e orações, seguidas da queimação das palhinhas, em geral são murtas e unhas-de-gato (vegetação que reveste todo o ambiente) em um fogareiro. No final é servido o clássico chocolate caseiro com bolo aos convidados. Assim, o ciclo de Reis em Viana ainda contribui para a manutenção de uma tradição do teatro jesuítico, com objetivo da renovação dos valores sociais e culturais. Entretanto, como não é uma tradição cultural voltada para os interesses dos adeptos da indústria cultural, a sua preservação centra-se somente em abnegadas famílias vianenses, a partir de seus poucos recursos e com algumas contribuições da população, para a manutenção desta tradição. Neste sentido e em outras circunstâncias, o Reis está condenado a desaparecer.

FONTES PARA PESQUISAS

BLIBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB, com introdução e Notas. 5ª edição; edições CNBB. Editora Canção Nova, 2007.

CARVALHO, Ozimo de. *Retrato de um Município*. s/l, s/e. e/d).

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. – 6ª edição. – Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

CHEVALIER, Jean e BARBAULT, André. *Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*, com a colaboração de... [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa Silva... [et al.]. – 23ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

GIMENEZ, Armando. "Reis Magos, santos esquecidos dentro das tradições do Natal". *Diário de São Paulo*, São Paulo, 5 de janeiro 1958.

LOPES, Antônio. "Alcântara", subsídios para a história da cidade. Publicação do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ministério da Educação e Cultura – 1957 – Rio de Janeiro.

MARQUES, César Augusto. *Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão*/nota e apuração textual de Jomar Moraes. – 3ª. Ed. – São Luís: Edições AML, 2008.

MENDONÇA, Sálvio. *História de um menino pobre*. Rio de Janeiro, Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S/A. 1963.

MORAES FILHO, Melo. *Festas e Tradições Populares do Brasil*, editora Briguiet, Rio de Janeiro, 1946.

PEREIRA, José Carlos. *O Encantamento da Sexta-Feira Santa: manifestações do catolicismo no folclore brasileiro*. – S. Paulo: Annablume, 2005.

QUINTAS, Fátima. *Sexo à moda patriarcal: o feminino e o masculino na obra de Gilberto Freire*. – São Paulo: Globo, 2008.

SITES CONSULTADOS

http://pt.wikipedia.org/wiki/Tr%C3%AAs_Reis_Magos. Acessado em 20/08/09.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Folia_de_Reis. Acessado em 20/08/09.

<http://regismesqbuita.sites.uol.com.br/reismagos.htm>. Acessado em 20/08/09.

<http://www.portaldafamilia.org/datas/natal/reismagos.shtml>. Acessado em 20/08/09.

<http://www.hikawa.com.br/fofia.jpg>. Acessado em 20/08/09.

<http://www.zhonglian.org/images/3%20kings.JPG>. Acessado em 20/08/09.

<http://www.infoescola.com/cristainismo/os-tres-reis-magos>. Acessado em 20/08/09.

<http://www.jangadabrasil.com.br>. Acessado em 20/08/09.